

1

Discurso em almoço com representantes da sociedade nos três anos do Real

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 1º DE JULHO DE 1997

Eu queria aproveitar esta oportunidade, porque nós estamos, hoje, entrando no quarto ano do real, para dizer que eu convidei, aqui, esse conjunto de pessoas, porque são pessoas que permitem que o Real tenha efeitos efetivos para o povo.

Nesta manhã, estive conversando, lá, com os empresários, que têm um papel nisso. Mas o papel central da mudança do Brasil que precisa ser feita, que está sendo feita, depende da ação da própria sociedade, da ação do povo.

E aqui estão pessoas que se destacaram em alguns programas. Por exemplo, na alfabetização, em programas de alfabetização. Não são professores nem são necessariamente ligados ao setor público. É que a sociedade começa a se organizar para controlar o que está acontecendo.

Há um outro que é repórter, que fez reportagens a respeito do que não vai bem e do que vai bem. Não é que vai bem em termos de estatísticas: vai lá, no sertão da Bahia, vai no Ceará, vai ver lá, em Minas Gerais, e ele vai daqui a pouco, para ver mesmo o que está acontecendo, e perguntar, para a gente poder saber o que está acontecendo. Porque,

às vezes, a gente toma uma decisão, pensa que ela vai dar certo e não dá certo. Outras vezes, toma uma decisão errada. Então, precisa ter isso.

Há pessoas aqui que são ligadas à Pastoral da Criança e que lidam com a questão da mortalidade infantil. Outros são remanescentes dos quilombos. Outros são de assentamentos. Outros são ruralistas. Outras, donas de casa. E um conjunto diversificado de agentes comunitários, o pessoal do Banco do Nordeste – são agentes muito diversificados. E é graças a esse tipo de trabalho e com esse tipo de pessoas – que, muitas vezes, nem são sequer ligadas ao funcionalismo, mas são membros da sociedade, das comunidades que se organizam – que os efeitos da melhoria de vida podem se propagar.

Então, achei que, num dia em que estamos aqui comemorando o terceiro ano do Real, fosse importante que o Presidente da República almoçasse com eles e ouvisse diretamente deles o que está acontecendo e como se pode avançar mais. E para agradecer também. Agradecer aos que aqui estão e aos milhares, senão que milhões de brasileiros que, anonimamente, estão ajudando a mudar o Brasil. E mudar o Brasil não é só manter a economia estável, não; não é só ter desenvolvimento industrial, não: é mudar o modo de cada um viver, das pessoas, da gente; e a sociedade ter melhor condição de vida, evitar que a criança morra, porque é fácil evitar – e não se evita, muitas vezes, por falta de conhecimento; é dar instruções elementares para as pessoas poderem aprender a ler. Enfim, é um conjunto de atividades que dizem respeito ao dia-a-dia.

Se nós tivermos sorte – e vamos ter – de continuar num sistema não só de controle dos gastos públicos, não só de seriedade, mas, ao mesmo tempo, num sistema de mobilização, em que o País sinta que ele tem que se organizar para melhorar, aí o Brasil muda.

Não quero tomar de vocês a possibilidade de, os que quiserem conversar com quem quiserem, saberem como é que eles vêem a situação, aqui e ali, livremente; como é que eles sentem. Eu mesmo já aprendi, agora, conversando com o repórter, que me contou algumas coisas que eu gostaria até que ele repetisse. Não sei se pode “furar”. Acho que não pode. Então, deixa sair, depois, a reportagem, para se ver efetivamente

por que, muitas vezes, a gente pensa que vai dar certo e não dá, e vice-versa; onde é que dá, como é que dá.

Era isso. Acho que a comemoração desses três anos de estabilização não pode ser oficial apenas. Não pode ser apenas empresarial. Não pode ser apenas sindical. Tem que ser popular, para se ver que efeito tem, realmente, o Real para o povo.

De modo que, agora, se vocês quiserem me perguntar alguma coisa, eu os deixo à vontade. Se quiserem falar, também. Se não quiserem falar, se for para tratar do lado pessoal, muito bem, eles não podem perguntar.

